

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

Sumário

- Prefácio
- Família Macedo
- Família Machado
- Família Maciel
- Família Magalhães
- Família Maia
- Família Marin, Marins
- Família Marinho
- Família Marques
- Família Martins
- Família Mascarenhas, Mascareñas
- Família Mata
- Família Matos, Mattos
- Família Medeiros
- Família Meira
- Família Meireles, Meirelles
- Família Melo, Mello
- Família Mendes, Mendez
- Família Mendonça, Mendoza
- Família Meneses, Menezes

Claudio Campacci

- Família Mesquita
- Família Miranda
- Família Monteiro
- Família Moraes, Morais
- Família Moreira
- Família Morgado
- Família Mota, Motta
- Família Moura
- Família Moniz, Muniz
- Família Munhoz, Muñoz
- Família Nascimento
- Família Nogueira
- Família Noronha
- Família Nunes
- Família Oliveira
- Família Pacheco
- Família Paes, Pais
- Família Paiva
- Família Paredes, Aredes
- Família Peçanha, Pessanha
- Família Pedroso
- Família Perdigão

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

- Família Pereira
- Família Peres, Pires
- Família Pestana
- Família Pimentel
- Família Pinheiro
- Família Pinto
- Família Ponte, Pontes
- Família Prado
- Família Quadros
- Família Queirós, Queiroz
- Família Rabelo, Rebelo
- Família Ramalho
- Família Ramos
- Família Raposo
- Família Rego
- Família Reis
- Família Ribeiro
- Família Rios, Rius
- Família Rocha
- Família Rodrigues, Rodriguez
- Família Romeo, Romero, Romeu
- Família Rosa, Rosas, Roza

Claudio Campacci

- Família Sá
- Família Saldanha
- Família Sales, Salles
- Família Salgado
- Família Sampaio, Sampayo
- Família Sanches, Sanchez
- Família Santana, Sant'Ana
- Família Santos
- Família Sarmiento, Sarmiento
- Família Seabra
- Família Seixas
- Família Sequeira, Siqueira
- Família Silva
- Família Silveira
- Família Simões
- Família Soares
- Família Sousa, Souza
- Família Tavares
- Família Teixeira
- Família Teles, Telles
- Família Toledo
- Família Tourinho

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

- Família Valente, Valiente
- Família Vargas
- Família Vasconcelos, Vasconcellos
- Família Vaz
- Família Veiga
- Família Veloso
- Família Viana, Vianna
- Família Vidal
- Família Viegas
- Família Vieira
- Família Vilela, Vilella

Prefácio

Eu tenho feito pesquisas sobre as origens, história e o brasão de milhares de sobrenomes, durante um período de mais de dez anos.

Houve obras maravilhosas do gênero, como o Dicionário das Famílias Brasileiras, Dicionário dos sobrenomes italianos, entre muitas outras.

A grande diferença da minha obra em relação às anteriores, que eu apresento uma pesquisa mais resumida e direta. E procurei inserir os sobrenomes mais populares do Brasil desde o início da colonização no século XVI, nesse caso a obra limita-se aos sobrenomes de origem portuguesa e espanhola.

Provavelmente alguns sobrenomes ficaram ausentes da obra, ou por motivo de eu não ter encontrado conteúdo satisfatório ou o brasão da família.

Futuramente pretendo escrever uma obra direcionada aos sobrenomes italianos e de origem germânica.

As pessoas no Brasil dão grande valor ao significado dos seus prenomes e de maneira estranha muitos ignoram os

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

sobrenomes. Muitos nem sabem que existe um brasão de família, em que muitas vezes seus ancestrais travaram guerras para conquistar o direito de usá-lo.

Meu objetivo é criar nas pessoas um interesse maior pela história dos seus ancestrais e refletir o que eles fizeram para mudarem da Europa, onde deixaram familiares e amigos e mudaram para o Brasil, onde tiveram que desbravar terras, em que a maioria viveu em condições precárias. Obviamente nem todas as pessoas que possuem um sobrenome europeu tem origem nobre. Muitos ramos do mesmo sobrenome se criaram, assim não indicando um mesmo grau de parentesco. Muitos índios adotaram os sobrenomes dos conquistadores portugueses. Os escravos, após a abolição e mesmo antes dela, adotaram os sobrenomes de seus donos. Muitos judeus se converteram ao catolicismo e adotaram sobrenomes europeus.

Resumindo, seu sobrenome fala muito mais de quem você é.



Macedo, sobrenome de

origem portuguesa. Nome de raízes toponímicas, deriva da designação da vila de Macedo-de-Cavaleiros. O mais remoto indivíduo que se conhece a usar este apelido é João Gonçalves de Macedo, que foi parcial de D. Afonso, futuro D. Afonso IV, nas lutas que este teve contra seu pai, o Rei D. Dinis.

Pela composição das armas dos Macedos pensam alguns autores poderem eles ser um ramo dos Monizes ou, na nossa opinião, mais provavelmente descendentes ou de qualquer modo ligados à linhagem dos «de Riba-Douro» ou a uma das famílias que dela procedem.

Títulos de Nobreza e Senhorios

Barões da Ilha Grande de Joanes

Barões da Lobata

Barões de Mullingar

Barões de Santa Comba Dão

Barões de São Cosme

Condes da Ilha da Madeira

Condes da Lobata

Condes de Estarreja

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

Condes de Lindoso

Condes de Margaride

Condes de Monsaraz

Duques de Albuquerque

Senhores da Casa do Val de Couto

Senhores de Macedo de Cavaleiros

Senhores de Teixeira

Viscondes de Lindoso

Viscondes de Margaride

Viscondes de Monsaraz

Condes de Macedo

Condes de Mesquitela

Condes de Vila Franca do
Campo

Marqueses de Lindoso

Senhores da Casa dos
Macedos

Senhores de Melgaço

Viscondes da Lobata

Viscondes de Macedo Pinto

Viscondes de Mesquitela

Viscondes de Trancoso



Machado, sobrenome de origem

portuguesa. Dizem os genealogistas provirem os Machados da linhagem dos «de Riba-Douro». Concretamente, contudo, sabe-se que a um Martim Pires, cavaleiro contemporâneo de Dom Afonso II, foi posta

a alcunha de Machado, que transmitiu já transformada em apelido, a um dos seus filhos, Martim Martins, de quem provêm os demais Machados.

Segundo alguns autores a chefia desta família veio aos Machados progenitores da Casa dos Condes da Figueira. Principiou este nobre sobrenome na pessoa de Dom Mendo Moniz (primo 3.^o do célebre Egas Moniz), rico-homem, e Senhor de Gondares, pela ação de romper com machados as portas de Santarém, em 15.03.1147 ao qual Dom Afonso Henriques mandou usar (a ele e seus descendentes) do sobrenome Machado, porque, com um machado, arrombou uma das portas de Santarém, em 8 de maio de 1147, para dar entrada ao exército português, comandado pelo rei, que neste dia tomou aos mouros o castelo de Santarém, um dos mais fortes que os mouros tinham em Portugal. O principal solar dos Machado é a torre da Penegate, na Província do Minho, fundada em 1200, por Fernão Machado [*Pinho Leal - Dicionário, VI, 36*]. Por linha masculina descendem de Dom Sancho I, falecido em 1211, 2.^o rei de Portugal. Por linha feminina descendem do conde Dom Osório de Cabreira que passou a Portugal no tempo do conde Dom Henrique de

Borgonha (pai do 1.º rei de Portugal). Da família Machado são os marqueses de Montebelo, senhores de Entre-Homem e Cavado (*Anuário Genealógico Latino, I, 60*).

O genealogista Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares, em seu *Nobiliário da Ilha Terceira*, escreveu sobre esta família: *Passaram à ilha Terceira, no século XV, na pessoa de Mécia de Andrade Machado, filha do dr. João de Lisboa Machado, que foi regedor das justiças e senhor de muitas terras, e de sua mulher Maria de Castro. O dr. João de Lisboa pertencia à ilustre família dos Machados, com solar na freguesia de S. Martinho de Ferreiros, do antigo couto de Fonte Arcada, no concelho de Lanhoso. Mécia foi para a Terceira com seu marido Gonçalo Annes ou Eannes da Fonseca, também appellidado - da Ribeira Secca. Entre os descendentes de Gonçalo e Mécia, registram-se: I - o terceiro neto, Gaspar Dutra Machado [bat. 04.10.1597, Ilha Terceira -], que passou ao Rio de Janeiro, Brasil, onde deixou geração dos seus dois casamentos. [Azevedo Soares - *Nobiliário da Ilha Terceira, II, Título LIII*]. No Rio de Janeiro, entre as mais antigas, a de Bartolomeu Machado, ainda vivo em 1705, quase centenário. Deixou geração do seu*

Claudio Campacci

casamento em 1626, com Jerônima Machado (*Rheingantz, II, 475*). Rheingantz registra mais 39 famílias com este sobrenome, nos séculos. XVI e XVII, que deixaram numerosas descendências no Rio de Janeiro. Sobrenome de uma família de origem portuguesa, estabelecida no Rio de Janeiro, no século XVII, onde chegou Antônio Vilela Machado, nascido no Porto, Portugal, por volta de 1671. Este Machado morava no bairro do Catete, próximo a Laranjeiras; *teria sido ele que deu o nome ao campo do Machado, hoje logradouro conhecido como largo do Machado?* Casado no Rio (Candelária 2º, 12) a 14.08.1701 com Maria da Conceição, nascida no Rio (Candelária) por volta de 1689, falecida no RJ (Candelária 9º, 68) a 21.05.1738, filha do licenciado Manuel Antunes Pinhão, do Rio de Janeiro. Com geração [*Carlos Rheingantz - Primeiras Famílias do Rio de Janeiro, Tomo I*].

Títulos de Nobreza e Senhorios

Barões de Fermil

Barões de Joane

Barões de Santiago de Lordelo

Barões do Hospital

Condes da Figueira

Condes de Agarez

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

Condes de Almedina

Condes de Alves Machado

Condes de Caria

Condes de Santa Luzia

Condes de Vinhó e Almedina

Marqueses de Montebelo

Viscondes de Agarez

Viscondes de Alves Machado

Viscondes de Caria

Viscondes de Faria Machado

Condes de Alte

Condes de Campo Belo

Condes de Marim

Condes de Selir

Condes do Carvalhal

Senhores de Loriga

Viscondes de Alte

Viscondes de Benagazil

Viscondes de Faria e Maia

Viscondes de Fervença



Maciel, apesar de ser uma

antiga família de Portugal, sua origem é francesa. Na freguesia de Darque, localizava-se o solar da família Maciel. Sua vinda, segundo os genealogistas, teve por motivo ajudar Dom Afonso Henriques na conquista do reino aos mouros. O antepassado mais antigo que se conhece é Gonçalves Anes Maciel, pai

de Bartolomeu Gonçalves Maciel, que vivia por em Portugal lá pelos anos de 1500 e foi Comendatário do mosteiro de Palma. Este teve de Simoa Pires de Faria, filha de Pedro de Faria, diversos filhos que seguiram o sobrenome Maciel. O presente brasão de armas é o mais antigo referente à família. Dão os genealogistas a esta família de muito antigas e nobres origens, fazendo-a derivar de um cavaleiro francês que se teria fixado em Portugal no tempo de Dom Afonso I.

Sobrenome de origem geográfica. Da baixa latinidade *matianellu*, através das supostas formas *macianel*, *maciael*. É um diminutivo apocado como *Castel*, *Pinhel*, *Portel* (*Antenor Nascentes, II, 183*). Derivado da árvore *macieira* (*Anuário Genealógico Latino, IV, 24*). Os sobrenomes *Maciel*, *Maceieira*, *Maceira* e *Maçoula*, são modalidades de uma mesma linhagem portuguesa, cujo solar foi na quinta de *Maceira* (de onde tomaram o sobrenome), freguesia de São Adrião de Faria, perto de Barcelos, em Portugal (*Anuário Genealógico Latino, I, 60*). No Rio de Janeiro, entre as mais antigas, a do Capitão Agostinho "de" Maciel, que deixou geração por volta de 1670 (*Rheingantz, II, 493*). *Rheingantz* registra mais 8

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

famílias com este sobrenome, nos séculos XVI e XVII, que deixaram numerosas descendências no Rio de Janeiro. Em São Paulo, de origem portuguesa, a importante família de João Maciel [Viana do Minho - a.1609], Vereador [1600]. Deixou numerosa descendência de seu casamento em 1566, com Paula Camacho [? - d.1624]. Trouxe os filhos nascidos em Portugal (*AM, Piratininga, 108; SL, VIII, 150*). Em 1570, já se encontrava em São Paulo. Em Pernambuco, entre as mais antigas, a de Baltazar Maciel de Andrade, que deixou geração do seu casamento em 1628, com Jerônima de Mesquita de Azevedo, da família Bandeira de Melo de Pernambuco (*Borges da Fonseca, I, 89*). Ainda em Pernambuco, as famílias Barbosa Maciel, Ferreira Maciel e Oliveira Maciel. Destaque para Pernambuco: Marco Maciel [1940, Recife, PE -]. *Deputado estadual da ARENA (1966); deputado federal (1970, reeleito em 1974); presidente da Câmara dos Deputados em 1977 e, em 1978, governador de Pernambuco. Foi eleito senador em 1982. Ministro da Educação em 1985. Em 1990, foi reeleito senador e tornou-se líder do governo. Foi eleito vice-presidente da República, em 1994, na chapa Fernando Henrique*

Claudio Campacci

Cardoso. É considerado grande articulador político. No período 1995/96, foi várias vezes presidente interino da República [Enciclopédia Delta-Koogan]. No Rio Grande do Norte, entre as mais antigas, a família Maciel de Mello. No Ceará, entre outras, registra-se a família Rocha Maciel, procedente do Tenente-coronel Manuel Duarte da Cruz, natural de Portugal, e de seu esposa Josepha da Rocha Maciel, natural de Tejucoapapo, Pernambuco. Seus descendentes se espalharam pelos municípios de Russas, Jaguaribe e Baturité. Houve alguns dos seus ramos, que se estabeleceram no Sergipe. Na Bahia, entre as mais antigas, do século XVIII, a de Antônio Velho Maciel, natural de Viana, que deixou geração do seu casamento com Maria de Almeida, filha de Manuel Torres, chefe desta família Torres da Bahia (*Jaboatão, 551*).

Títulos de Nobreza e Senhorios

Barões de Maciel

Barões São Salvador de Campos de
Goytacaz

Barões de Itamaracá

Marquês de Queluz



Magalhães, sobrenome de

origem portuguesa. Trata-se de um nome com raízes toponímicas, que teria sido tirado do da torre desta designação, na freguesia de São Martinho do Paço-Vedro, termo da Barca. Parece que esta família provém de Afonso Rodrigues de Magalhães, senhor daquela torre e que vivia em 1312. Era raçoeiro do Mosteiro de Tibães e do seu casamento com Dona Alda Martins de Castelões, teve descendência que deu continuidade ao apelido. Dentre aquela, será de salientar o indômito nauta Fernão de Magalhães.

Sobrenome de origem toponímica, tomado da propriedade da família. Guérios com dúvida prende ao céltico *magal-*, grande (*Antenor Nascentes, II, 184*). Procede esta família de Afonso Rodrigues de Magalhães, senhor da torre e quinta de Magalhães (da qual tomou o sobrenome), no tempo de Dom Diniz I, falecido em 1325, rei de Portugal.

Alí é o seu solar, que fica na província de Entre-Douro e Minho (*Anuário Genealógico Latino, I, 61*).

Sobre a origem genealógica desta família, escreveu o dicionarista português Pinho Leal, em sua obra Portugal Antigo e Moderno - *Diccionario*, datado de 1874: *O nobre apelido de Magalhães foi tomado da torre e Quinta de Magalhães, no Minho. O primeiro que usou d'este apellido, foi Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz, por ter casado com D. Sancha de Novaes, senhora da dita Quinta [Pinho Leal -Diccionário, II, 120]. É sobrenome nobre de Portugal, tomado da torre e Quinta de Magalhães. Antigamente também se escrevia Mangalhães [Pinho Leal - Dicionário, VI, 392].*

No Rio de Janeiro, entre as mais antigas, a de Antônio de Magalhães, falecido antes de 1672, que deixou geração do seu casamento em 1624, com Inez Anes, falecida no Rio, em 1672 (*Rheingantz, II, 506*). Rheingantz registra mais 12 famílias com este sobrenome, nos séculos XVI e XVII, que deixaram numerosas descendências no Rio de Janeiro. Ainda, no Rio de Janeiro, com ramificações em São Paulo, registra-se a família de Francisco Carlos de

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

Magalhães, que se estabeleceu no Brasil, por volta de 1845, vindo do norte de Portugal. Deixou grande descendência do seu casamento com Bernarda Rodrigues Monteiro, filha de José Joaquim Borges Monteiro e de Bernarda Francisca Rodrigues [´25.10.1788 - 14.06.1849].

Registra-se, no Auto-de-fé celebrado no Terreiro do Paço de Lisboa, a 17.08.1664, a condenação de três (3) anos de degredo para o Brasil, de Beatriz Fernandes de Magalhães, meia cristã-nova, natural da vila de Borba, onde morava. Esposa de Manuel do Couto, que vivia de sua fazenda.

Títulos de Nobreza e Senhorios

Barões da Torre

Barões de Águas Belas

Barões de Alvaiázere

Barões de Soutelo

Condes da Feira

Condes da Folgosa

Condes de Alpendurada

Condes de Armil

Barões da Torre de Vila Cova da Lixa

Barões de Alpendurada

Barões de Magalhães

Condes da Arriaga

Condes da Feira-a

Condes de Almarjão

Condes de Ariz

Condes de Felgueiras

Claudio Campacci

Condes de Geraz do Lima
Condes de Vilas Boas
Senhores da Barca
Senhores da Nóbrega
Senhores de Larim
Senhores de Vila Chão
Viscondes da Gândara
Viscondes da Ribeira de Alijó
Viscondes da Torre
Viscondes de Alpendurada
Viscondes de Britiande
Viscondes de Cortegaça
Viscondes de Gomie
Viscondes Ribeiro Magalhães

Viscondes do Ameal

Condes de Magalhães
Condes do Covo
Senhores da Casa da Quintã
Senhores de Briteiros
Senhores de Ponte da Barca
Viscondes da Arriaga
Viscondes da Granja do Tedo
Viscondes da Sobreira
Viscondes da Torre
Viscondes de Ariz
Viscondes de Condeixa
Viscondes de Fonte Arcada
Viscondes de Peso da Régua
Viscondes de São Clemente
de Basto
Viscondes do Torrão

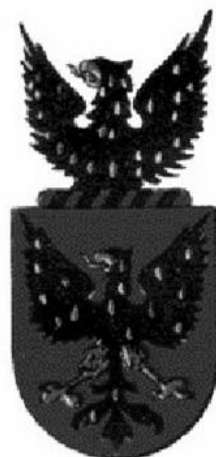
Maia, sobrenome de origem latina. Nome de raízes toponímicas, tirado que foi da terra da Maia, o antigo domínio da linhagem desta designação, é possível que os descendentes de alguns dos ramos daquela o

tenham vindo a tomar como apelido. Eram os «da Maia» uma linhagem das mais preclaras e remotas origens, ainda altimedievais, tendo vindo a recair a sua primogenitura, bem como os seus principais bens patrimoniais na linhagem dos «de



Riba-de-Vizela», pelo casamento do chefe destes com a filha herdeira do daqueles. E como foram os Melos que vieram a representar a primogenitura dos «de Riba-de-Vizela», foram também eles que passaram a representar a linhagem dos «da Maia». Deste modo a chefia de ambas, bem como a dos Melos, caiu na Casa dos Condes desta designação e, hoje, na dos Condes de Mangualde. Ainda durante a Idade Média, no entanto, a descendência secundogénita dos «da Maia», conservando nalguns casos a categoria nobiliárquica de Ricos-homens e certas parcelas dos antigos bens senhoriais da linhagem, deu

origem a família que transformaram a designação daquela em apelido. Assim, no Livro do Armeiro-Mor atribuem-se a uma família da Maia umas armas que deverão provir do «sinal» pré-heráldico da antiga linhagem.



A história da linhagem, segundo Francisco António Dória (*"Lendas, Mitos"* em *"Convergência: Ensaio em Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão no seu 70o. Aniversário"*, *Sette Letras*, 1999) começa com a lenda do Rei Ramiro ou lenda da Miragaia, ou lenda da família da Maia, que conta a história das origens de uma família de infanções cujas terras se situavam nos arredores do Porto. Foram os padroeiros do mosteiro de Santo Tirso de Ribadave, fundado em 978 pelo primeiro antepassado documentado dessa família, um moçárabe (*isto é, árabe cristianizado*), Abunazar Lovesendes.

Na lenda, o infanção Abunazar torna-se infante Dom Alboazar Ramires, filho, que não o foi, de Ramiro II, rei de Leão: "*O dito Dom Ramiro roubou Dom Ortiga, irmã de*

Alboazar Abuzadão Sr. de Gaya Santarem, e bisneta de [rei] Aboali a qual pela sua rara formosura obrigou ao do Rey D. Ramiro a pedilla pa. cazar com ella, q lhe foi negada, dizendo-lhe Alboazar q a ley dos Christaons não premetia ter mais q hua mulher de q resultou o do. roubo, e sentido Alboazar do dito roubo sabendo onde D. Ramiro tinha deixado sua molher em q.to se divertia com D. Ortiga a foi tãobem Roubar, e levou para Gaya, e o q sabendo o Rey D. Ramiro, cobrio as suas fragatas de pano verde, e se veyo meter sem ser percebido em S. João da Foz q entam tinha muytos arvoredos, e pella sua industria se meteo no Palacio [de Alboazar] e fallou com sua mulher pa. ver como a havia de tirar do poder de Alboazar deixando ordem aa sua escolta pa. q ouvindo tocar uma corneta q levou lhe acudissem, e como sua m.er allem de queixosa estava namorada de Alboazar o fichou em Caza pa. o entregar aa morte, de q escapou dizendo [Rei Ramiro] a Alboazar q hia ali pagar seu pecado, e roubo de sua irmãa, mas q o seu confessor lhe dissera q pa. ser perdoado o do. seu crime havia de morrer afrontozam.te diante do povo a tocar em aquella corneta the arrebentar, no q conveyo Alboazar, para o q

lhe mandou fazer hum poste no meyo da Praça alto, e delle se poz a tocar a cujo toque acodindo a sua gente matarão todos os Mouros e trocerão a Raynha, q mandou D. Ramiro atar a hua moo, e lançar no Rio, e dipois recebeu D. Ortuga, de q teve o infante D. Alboazar Ramires”. A lenda é fascinante, porque Ramiro II (c. 900-951) dominou os territórios que constituem hoje Portugal, entre 920 e 930, e foi depois rei de Leão e é personagem documentadíssima. E o rei Aboali é, com certeza, Abdallah, emir de Córdoba (844-912) que ascendeu ao emirado em 888. Isso tudo, no prólogo à genealogia dos Coelhos, no autor setecentista Felgueiras Gayo. Em resumo, a lenda conta que Ramiro II trai a mulher, Aldara, com uma moura, Zara ou Ortega, de família nobre (é descendente dos Omíadas de Córdoba, parentes do próprio Profeta do Islão). Aldara vingá-se traindo Ramiro com o mouro, e é morta por isso. Ramiro II sai sem punições ou penas, e casa com a moura Ortega, de quem deixa um filho, Dom Alboazar Ramires. Ramiro II teve por primeira mulher a Ausenda Guterres, filha do conde Guterre Osores, e neta materna de Hermenegildo Guterres, o grande presor de Coimbra. Tiveram quatro

filhos: Bermudo, que morre adolescente; Ordonho, depois rei Ordonho III de Leão, e mais dois que desaparecem da história. O casamento dura uns dez anos, pois Ausenda Guterres é repudiada por volta de 930, e não mais se sabe dela. Ramiro volta a casar ainda duas vezes, com uma infanta de Navarra e com uma certa Urraca, ou Teresa. Por que foi repudiada Ausenda Guterres? Não por infertilidade. A lenda do Rei Ramiro sugere que Ausenda Guterres, grande senhora, filha e neta de magnatas, tinha traído o rei. Se narrativas lendárias são como sonhos, nelas então ocorrem inversões e mecanismos compensatórios. Ramiro II trai Aldara, sua mulher na lenda. Ela dá o troco, e é punida. E se esta sentença refletir, com sinal contrário, o que de fato aconteceu? Ramiro II traído pela mulher, Ausenda?

Na busca pelo que existe de histórico e de fantástico (se é que podemos separar uma coisa da outra) nessa narrativa fascinante encontramos de súbito um tesouro: os arquivos do mosteiro de Lorvão, publicados há um século e meio por Alexandre Herculano nos seus "Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae". As cartas de Lorvão formam a parte mais antiga do acervo. E neles

comparecem quase todos os personagens da lenda do Rei Ramiro. Zahadon e sua mulher, Aragunte, junto a Cresconio e a mulher, Smelilo e ainda Bermudo, herdeiros de um certo Fromarico (de certo pai dos que têm nome visigodo, Aragunte, Cresconio e Bermudo) vendem a Gondemiro (que, aprendemos depois, se chamava Gondemiro iben Dauti) e a sua mulher Susana, partes da Vila de Albalat na região de Coimbra. Testemunhas do ato? Ramiro II; seu filho Bermudo; a condessa Ilduara (lembram-se de "Aldara", a mulher de Ramiro na lenda?), os condes Ximeno Dias e Froila Guterres. Escritura de venda de gente poderosa, com o testemunho das gentes mais poderosas da terra, o rei, o príncipe, e membros da família de Hermenegildo Guterres, senhores da região de Coimbra. Coincidência? Um documento (DC 47) de 938 trata da doação de um moinho, na vila de Ançã, feita pela condessa Ilduara a Gondemiro iben Dauti e a sua mulher Susana. A relação das testemunhas repete, na mesma ordem, o fragmento da genealogia que nos é trazida na lenda: Alboazar filho de D. Zadão Zada, filho de Zada... [Abd al?] Nazar, test.; Zahadon, test.; Zahad, test. Zahadon aparece como presbiter, mas isso não lhe indica

um status de eclesiástico. (Ainda que Zahad signifique "ermitão", e Zahadon, "referente ao ermitão") Presbiter era apenas alguém ligado a uma comunidade monástica, e essa família com certeza tinha padroado sobre Lorvão, pelas doações que faz ao mosteiro (DC 68, de 954).

Rodrigo, também conhecido como Abu al-Mundhir, e sua mulher Coraxia, legam ao mosteiro de Lorvão várias vilas, entre as quais Tentúgal, além de outros bens. E vejam-se os nomes dos confirmantes: Walid, Abdallah (Hadella), Abd al-Malik, Ubayd'Allah (Abobadella), Zahadon... Al-Mundhir é o nome do emir de Córdova que morreu na guerra contra Ibn Hafsun em 888; irmão de Abdallah, este, já dissemos, nascido em 844 e falecido em 912, de quem a genealogia, muito com certeza verdadeira, que está embutida na lenda, diz, descende essa gente de moçárabes com nome de emires, califas, e mais pessoas da família do Profeta. Por que verdadeira a genealogia? Porque encontramos nos documentos, nos períodos correctos, consistentemente, os personagens da linhagem de Zara. Por que não seria verdadeira essa linhagem omíada desta família dos Zahads e Zahadons, família

obviamente de alta hierarquia? Mas veja-se ainda o que dizemos em seguida:

A lenda do rei Ramiro procura esclarecer-nos sobre as origens da família da Maia, cujo primeiro antepassado documentado é certo Abunazar Lovesendes, fundador do mosteiro de Santo Tirso de Ribadave em 978. A lenda faz do rei Ramiro II pai deste Abunazar, o que é impossível pela cronologia, já que Ramiro morreu em 951, e pelo patronímico, pois o pai de Abunazar chamava-se Lovesendo, e não Ramiro. Segundo a lenda, a família da Maia descenderia do adultério de Ramiro com uma princesa moura: Abunazar ganha na lenda uma ascendência real, da mais alta nobreza, por seu pai e por sua mãe. Mas, notemos o seguinte: quando esta lenda se fixa por escrito nos livros de linhagens, o árabe é o inimigo subjugado. A conquista do Algarve fora feita nos fins do século XIII por Afonso III. A lenda conta uma ascendência ilustre dos senhores da Maia na família real do inimigo, inimigo político e religioso. Numa família real que se aparentava ao próprio fundador da religião adversária.

Os sobrenomes mais comuns do Brasil – Volume II

Ramiro II parece que entra na lenda como um contrapeso ideológico. Mas notemos que há vínculos indirectos, indícios que mostram vínculos, entre a família da Maia, em fins do século X, e a família do conde de Coimbra, Hermenegildo Guterres. Uma das filhas de Abunazar Lovesendes tem o nome Ausenda como a mulher repudiada de Ramiro II. Um dos filhos de Abunazar, de quem aliás descenderá outro personagem lendário português, Egas Moniz o Aio, é Ermígio. Forma rara do nome Hermenegildo (mais comum é o vernáculo Mendo, ou Mem), aliás, frequente e só encontrada nessa família dos da Maia. Há mais evidências: no século XI, Soeiro Mendes da Maia, dito o bom, litiga nos tribunais contra os herdeiros de certo Froila Cresconiz, que, sempre pela raridade do nome, parece ser filho do Cresconio cunhado de Zahadon e irmão de Aragunte, mulher de Zahadon.

O que aconteceu, na história, no concreto, nunca se saberá ao certo. Mas o seguinte cenário (cenário, deixo claro) parece explicar a narrativa lendária. Ausenda, rainha de Leão e mulher de Ramiro II, comete adultério. É, por isso, repudiada. (Não deve ter sido morta; sua família era poderosa demais.) Do filho adulterino,

Claudio Campacci

Lovesendo (compare-se a desinência -sind, Ausenda, Lovesendo), que se casa com a filha de Zahadon, nasce Abunazar Lovesendes, primeiro senhor das terras da Maia. Para que a lenda? Para mascarar as origens adulterinas e heréticas de uma família que será tão poderosa. Cujos descendentes, muitíssimamente numerosos hoje em dia, todos compartilham, ainda que muito, muito longe, do sangue dos Omíadas e de seu parentesco ao Profeta do Islão".

Títulos de Nobreza e Senhorios

Barões de Camocim

Barões de Matosinhos

Condes de São João de Ver

Senhores da Maia

Senhores de Entre Douro e Minho

Viscondes de Faria e Maia

Marín, Maríns, sobrenome de origem



espanhola. Segundo alguns tratadistas, o apelido Marín tem sua origem na Galícia (Galiza), donde radicou seu primitivo solar. Porém outros argumentam com maior fundamento baseando-se em documentos antigos, que foi na cidade de Cuenca, que procederam três irmãos que serviram aos Reis Católicos e, ao que parece, está historicamente comprovado que são os fundadores das famílias Marín andaluzas e murcianas. É uma verdadeira lástima que estes autores não tenham podido aprofundar mais, deixando constar os nomes destes três irmãos e as façanhas que realizaram. De acordo ao anterior, a noticia mais antiga que se tem do apelido Marín se registra na época dos Reis Católicos. Como a façanha mais destacada do dito reinado foi a conquista de Granada, é muito possível que os três irmãos Marín aos que se referem os tratadistas, ajudaram aos ditos

monarcas na citada guerra e conquista da cidade andaluza. O apelido se estendeu rapidamente por toda a Espanha e ao que se parece que se encontra mais difundido no Sul da península, é certo que no Norte, concretamente nas províncias de Santander, e Galicia, se encontra com certa abundância. Marín é apelido de ilustre linhagem que provou sua nobreza nas Ordens Militares de Santiago, Alcántara, e Carlos III e na Real Chancelaria de Granada, Don José Valentín Marín de Poveda foi nomeado Marquês de Cañada Bermosa de San Bartolomé, no ano 1.711 Don Matías Jacinto Marín Bullón y Figueroa, Marquês da Isla, em 1.711 e Don Francisco Marín San Martín, Marquês de la Frontera em 1.863. No que se refere a difusão do apelido nas Américas, se estabeleceram várias linhagens sobre todo território Hispánico na Costa Rica e Chile e a elas pertenceram José Marín Cañas, novelista costarriquenho e Tomás Marín de Poveda, Administrador colonial espanhol que, transferido para o Chile, foi nomeado governador daquele país que participou nas guerras contra os nativos araucanos, após vencê-los conservou a paz. Os Marin